

Japonesa pesquisa crime no País

Tradutora da polícia de Tóquio veio pesquisar criminalidade para ajudar emigrantes brasileiros

LINA DE ALBUQUERQUE

Uma recatada japonesa de 25 anos está no Brasil em uma perigosa missão. Bolsista da Fundação Rotary Club, Mayumi Yamada pediu licença de um ano do seu trabalho de tradutora da Polícia de Tóquio para conhecer os bastidores da criminalidade do País. Quando retornar ao Japão, depois do carnaval, deverá aplicar seus conhecimentos como intermediária entre agentes policiais e dekassegui que cometerem algum tipo de irregularidade. Dekassegui é a denominação usada para os trabalhadores brasileiros descendentes de imigrantes japoneses que fizeram a rota inversa dos antepassados.

Desde março, Mayumi tem procurado reunir o máximo possível de informações sobre o perfil do criminoso brasileiro. Participou de cursos promovidos no Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (USP), entrevistou detentos da Penitenciária do Estado e fez estágio na Delegacia da Mulher. "Ela é muito aplicada, mas ainda tem dificuldades com a língua portuguesa", afirma a socióloga Myriam Mesquita Pugliese de Castro, consultora do Núcleo. Mantendo o característico sorriso oriental o tempo todo, Mayumi lança mão de um adjetivo para classificar sua experiência no Brasil:



Ana Carolina Fernandes/AE

Mayumi: intermediária entre a polícia e os dekassegui infratores

"Impressionante".

"Fiquei impressionada com o crime organizado e com a existência de tamanhos maus-tratos contra as mulheres", afirma, em português, com a ajuda de Takashi Yoshikawa, presidente do serviço internacional do Rotary no País. "E nem imaginava que a onda de sequestros e violência fosse tão grave assim", revela.

Segundo Mayumi, que tem formação em estudos luso-brasileiros na Universidade

tes e comer o conteúdo antes de pagar. Esse comportamento chegou a levar alguns supermercados a proibir a entrada de brasileiros.

Filha única de um executivo de uma empresa de exportação, Mayumi não tem parentes no Brasil e conheceu poucos dekassegui no Japão. Na sua opinião, existe um grande preconceito em torno dos descendentes japoneses que vão trabalhar no país. "Infelizmente, os japoneses se julgam melhores que os brasileiros que vivem lá", ela reconhece. "Além disso, acham que os dekassegui só estão interessados em dinheiro e que não prezam as raízes orientais." Atualmente, vivem no Japão cerca de 80 mil trabalhadores nipobrasileiros.

A disciplina da jovem japonesa no Brasil segue um ritual quase monástico. Hospedada na casa de professores da USP, ela sempre vai dormir depois do Jornal Nacional, da Rede Globo, e gosta de acordar cedo. Sem seguir antes nenhuma religião, foi no Brasil que se converteu ao budismo. Tornou-se assídua frequentadora dos cultos promovidos pela igreja Honmon-Butsuryu-Shu, na Vila Mariana.

Incapaz de entrar numa roda de samba sem torcer o pé, Mayumi aprendeu também a gostar de feijão com arroz e caipirinha. Na tentativa de conhecer melhor o linguajar informal do Brasil, tem se esforçado para incorporar ao seu vocabulário gírias como "bate-papo", "dar um jeitinho" e "puxar o saco". Mas admite, sem disfarçar o rubor no rosto, que ainda não conhece o significado da palavra malandragem.

de Tóquio, as infrações cometidas por brasileiros descendentes de japoneses cresceram de maneira proporcional ao êxodo de dekassegui. Essa informação, porém, é contestada por Hitome Watanabe, vice-cônsul do Consulado do Japão em São Paulo. "As irregularidades cometidas pelos dekassegui são pouquíssimas e se resumem em pequenos problemas em supermercados", diz ela. Segundo a pesquisadora, alguns brasileiros costumam abrir paco-